

EDUCAÇÃO SE FAZ NA DIVERSIDADE: OS DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO MULTICULTURAL

Silvano Fidelis de Lira
Universidade Federal da Paraíba
silvanohistoria@gmail.com

Jarbas Cesar Silva Santos
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo lançar algumas propostas e reflexões para a prática de uma educação multicultural no contexto da educação básica. Nesse sentido buscam-se alternativas para que a escola deixe de ser uma reprodutora de determinados padrões culturais e se abra ao universo, amplo e diverso, que é a cultura. A partir da análise de Boaventura de Sousa Santos (1999) questiona-se o papel da escola, e em contrapartida questiona-se a ideia de cultura como algo em movimento, e a faz como um campo permeado por uma circularidade e uma dinamicidade contínua. Por fim, relatam-se experiências vividas e lança-se propostas para uma prática educativa que seja marcada pela diversidade e pela construção de uma sociedade baseada nos princípios da alteridade e da convivência com o diferente.

Palavras – chave: Educação; Multiculturalismo; Diversidade.

SUMMARY:

This paper aims to shed some reflections and proposals to the practice of multicultural education in the context of basic education. Accordingly seek to find alternatives to the school ceases to be a breeder of certain cultural patterns and open to the universe, broad and diverse, which is the culture. From the analysis of Boaventura de Sousa Santos (1999) questions the role of the school, and in return we question the idea of culture as something in motion, and to do as a country permeated by a roundness and dynamicity continues. Finally, we report experiences and launches proposals for an educational practice that is marked by the diversity and building a society based on the principles of otherness and familiarity with the different.

Keywords - Keywords: Education; multiculturalism; Diversity.

Um dos principais desafios do professor, na contemporaneidade, é trazer para sala de aula temas que não são aceitos em primeira instância pelos alunos, pelos pais, e muitas vezes pelos próprios professores, na medida em que isso acontece determinados temas são excluídos do currículo e das discussões escolares, o que se torna extremamente prejudicial para a construção de uma educação plural, inclusiva e pautada na igualdade dos direitos humanos. Cria-se dentro da escola uma cultura do único, do sujeito padrão, que não tem diferenças, que não tem desejos, crenças e costumes múltiplos, a meu ver é nesse ponto que começa uma sociedade carregada de preconceitos e de valores conservadores.

É preciso então, em caráter de urgência propormos uma educação multicultural, em que os direitos individuais não sejam apenas aceitos, sejam respeitados e tratados com dignidade. A proposta de uma educação multicultural é apenas um objetivo geral, que está relacionado com uma série de fatores, como por exemplo, respeito, dignidade e convivência entre os diferentes. Tudo isso se resume em uma discussão bastante ampla e digna de reflexão; a criação de um currículo multicultural, possível de diálogo com as realidades locais e sociais. Segundo Sacristán (1995, p, 82);

Discutir a integração de minorias sociais, étnicas e culturais ao processo de escolarização constitui uma manifestação muito concreta de um objetivo mais geral: o da educação multicultural. Por outro lado, a busca de um currículo multicultural para o ensino é outra manifestação particular de um problema mais amplo: *a capacidade da educação para acolher a diversidade.*

Uma vez que isso acontece, passa a existir a prática de uma educação estática, parada no tempo e que só olha para um dos caminhos da sociedade, isso é, quando a educação não volta seu olhar para as diversidades, para as múltiplas formas de relações humanas e culturais, corre-se o risco de se criar uma visão de mundo que não enxerga o outro, ou quando enxerga, o vê como “exótico”, como “anormal”, desembocando numa rejeição das diferenças, das singularidades, contribuindo, infelizmente para termos uma



sociedade como a nossa, em que diariamente somos informados de gravíssimos casos de violência moral e física, não raro de assassinatos de pessoas vitimadas pela intolerância sexual, religiosa e até mesmo por sua cor de pele.

O que a educação e a escola tem a ver com isso? Qual o seu papel na sociedade e na construção de uma sociedade pautada no respeito e na convivência das diferenças? Seria ela capaz de mudar o triste quadro social em que vivemos? A educação deveria ser um lugar do múltiplo, espaço onde a diversidade dialoga com o cotidiano, onde a alteridade é, em grande medida, a regra básica. A primeira constatação que me leva a pensar o papel da educação dentro desse panorama é que, de acordo com Boaventura de Sousa Santos (1999, p, 22) “A política da homogeneidade cultural assentou em grandes instituições, nomeadamente a escola”.

Acredito que para pensarmos uma educação multicultural deveríamos pensar o conceito de “multicultural”. Quais os significados que ele congrega? Quais as condições que possibilitam a sua emergência e a sua apropriação? É preciso antes de se apropriar, refletir sobre a constituição do conceito e seus significados. Nesse sentido o pensamento de Reinhart Koselleck (2006) nos propõe que os conceitos são historicamente construídos, não surgem alheios à sociedade, por isso, acredita o historiador alemão que a história dos conceitos não pode ser dissociada da história social e cultural em que estão inseridos, é preciso que haja um conjunto de fatores, de possibilidades para que o conceito faça sentido e tenha poder de agregar sentidos.

Sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade e, sobretudo, não pode haver unidade de ação política. Por outro lado, os conceitos fundamentam-se em sistemas político-sociais que são, de longe, mais complexos do que faz supor sua compreensão como comunidades linguísticas organizadas sob determinados conceitos-chaves (KOSELLECK, 2006, p. 98).

Não podemos reduzir o multiculturalismo a um conjunto de práticas culturais convivendo em relativa harmonia, sua configuração é bem mais ampla, trata-se de uma



questão que envolve lutas, resistências e conquistas históricas. Em linhas gerais poderíamos dizer, apoiados na leitura de Maria José A. Silva e Maria R. Lima Brandim (2008) que o multiculturalismo configura-se em uma estratégia de luta política, que visa, em grande medida, o reconhecimento e representação da diversidade cultural, não podendo ser concebido dissociado dos contextos das lutas dos grupos culturalmente oprimidos.

Na esfera política, e na luta que assume o movimento reflete e busca agir sobrea a necessidade de redefinir conceitos como cidadania e democracia, relacionando-os à afirmação e à representação política das identidades culturais subordinadas. Enquanto corpo teórico, o multiculturalismo, questiona os conhecimentos produzidos e transmitidos pelas instituições escolares, grupos sociais e midiáticos, tendo em vista, que na grande maioria das vezes estes acabam evidenciando etnocentrismos e estereótipos criados pelos grupos sociais dominantes, silenciadores de outras visões de mundo.

Não menos importante essa construção teórica proporcionada pelo multiculturalismo, é preciso ressaltar sua busca por construir e conquistar espaços para que essas vozes se manifestem, recuperando histórias e desafiando a lógica dos discursos culturais hegemônicos, a exemplo disso poderíamos, brevemente, citar o caso dos movimentos do povo negro, dos homossexuais, dos ciganos, etc. Os estudos sobre os fenômenos culturais partem da necessidade de compreensão dos mecanismos de poder que regulam e autorizam certos discursos e outros não, contribuindo para fortalecer certas identidades culturais em detrimento de outras.

OBJETIVOS:

Infelizmente os materiais que trabalham na perspectiva de uma educação multicultural ainda são bastante raros nas escolas públicas. Então, percebendo a necessidade de discutir o tema, entre professores e alunos, é necessário pensar outras

alternativas, caminhos construídos a partir das especificidades culturais e sociais da sociedade em que estamos inseridos. Na prática docente é comum nos depararmos com conteúdo que por mais que tenham sua importância social não estão presentes nos livros didáticos, o que muitas vezes acaba criando um comodismo por parte de professores e alunos. Tem-se criado um modelo de educação na escola pública – e a escola privada não foge à regra – em que o livro didático deixa de ser um suporte e passa a ser um manual a ser cumprido, o que, pelo menos em minha concepção é um grande e grave problema.

A partir dessa observação considerei importante levar para a escola um tema que tivesse uma relação com a realidade dos alunos e uma proposta multicultural, que viesse a contribuir para a formação humana e social destes. O principal objetivo foi mostrar que o Brasil é um país múltiplo, marcado pelo encontro de diversas culturas e de costumes. A priori seria uma aula sobre a História do Brasil, especificamente sobre a formação da sociedade brasileira. Aproveitando-se da oportunidade¹, vali-me das palavras de Darcy Ribeiro para esclarecer o objetivo da atividade que seria apresentar um Brasil diferente daquele que até hoje os alunos tinham percebido nos livros, esse Brasil que seria apresentado, seria uma nação nova, marcada pela confluência e pelo enfrentamento, pelo embate de culturas distintas tem-se a formação de um novo povo, o povo brasileiro;

Nessa confluência que se dá sob a regência dos portugueses matrizes raciais dispares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo, num novo modelo de estruturação societária. Novo porque como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e

¹ Utilizo o termo por um motivo óbvio, não estando em sala de aula, mas como coordenador de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação do município de Cubati/Paraíba, geralmente participo das atividades das escolas municipais, trabalhando com os temas mais diversos, geralmente, de acordo com a realidade e a faixa etária dos alunos. Nesse caso trabalhei com alunos de 4º e 5º ano, o que permitiu a discussão do tema de forma mais aprofundada.

singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos. Também novo porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano diferente de quantos existem. Povo novo, ainda, porque é um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização sócio-econômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial. (RIBEIRO, 1995, p. 19).

Com um intuito de iniciar uma nova discussão sobre o que é ser brasileiro, desejei trazer uma discussão que, embora seja densa, precisa passar a fazer parte das aulas, pois começa a criar na criança uma noção de respeito, de viver em uma sociedade marcada pelo cruzamento de culturas, de costumes e povos. Nesse sentido, o livro “*O povo brasileiro*” de Darcy Ribeiro, proporcionou um debate bastante interessante, tendo em vista que propõe uma visão acerca da formação da sociedade brasileira a partir de uma perspectiva multicultural.

Essa proposta pode ser tratada como um primeiro passo para uma percepção histórica em que a cultura e a sociedade sejam vistas a partir da alteridade e da convivência com as diferenças. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de história, a percepção de alteridade está relacionada ao respeito e construção de uma sensibilidade social que não segrega, mas agrupa o outro em suas especificidades;

A percepção da alteridade está relacionada à distinção, de modo consciente, das diferenças, das lutas e dos conflitos internos aos grupos sociais ou presentes entre aqueles que vivem ou viveram em outro local, tempo ou sociedade. E está relacionada à construção de uma sensibilidade ou à consolidação de uma vontade de acolher a produção interna das diferenças e de moldar valores de respeito por elas (BRASIL, 1998, p. 35-36).

É preciso criar possibilidades para que os alunos tenham conhecimento de um mundo marcado pelas diferenças, pelas mais variadas vertentes culturais que, na medida



em que lutam, travam embates, também se legitimam. O multiculturalismo, como dito anteriormente, é uma luta política que grupos e sujeitos travam com o intuito de se instituírem na sociedade.

Portanto, tratar de um assunto como esse em sala de aula é antes de tudo um desafio, somando-se a falta de material ainda é possível identificar as barreiras culturais que existem, e que já bloqueiam a relação dos alunos com alguns temas. Por exemplo, quando se fala e religiões de matriz africana, alguns alunos já começam a construir estereótipos negativos, depreciando e até mesmo querendo excluir da discussão aquele tema, isso se dá não apenas pela relação que a escola trata o tema, mas é, em grande medida, um problema cultural.

Acredito que, na medida em que incorporamos essa discussão no cotidiano escolar, teremos a possibilidade de criarmos na escola um espaço em que se aprendam não apenas as habilidades cognitivas, mas práticas de respeito, de alteridade para com o diferente. Ora, educação se faz na diversidade e com a diversidade, com alteridade, nesse caminho os desafios são imensos.

Um dos primeiros desafios é mostrar que o multiculturalismo não é uma proposta de deixar o outro falar, ou, simplesmente dá-lhe espaço, isso seria muito simplório, e além de tudo, criar a “necessidade” de um espaço acaba reforçando preconceitos. Por isso, é preciso ter uma série de cuidados ao falar da convivência entre as culturas. As palavras, os conceitos carregam em si sentidos que modificam os objetivos a que se direcionam, por isso é preciso, ao falar de multiculturalismo, é preciso ter sensibilidade e compromisso com a educação. Como, escreveu Paulo Freire (2014) educar exige comprometimento social.

As mãos dadas simbolizam não uma permissão, mas uma aceitação, um respeito pelo outro e por seus costumes, suas crenças e suas concepções de mundo. Talvez seja essa a missão da escola, construir uma sociedade em que os valores morais e éticos comecem pelo respeito ao seu outro.

METODOLOGIA:

Rosa Maria Godoy Silveira, em um provocante artigo publicado em 2006, mostra que o ensino de história deve problematizar os tempos históricos e ao mesmo tempo problematizar as experiências individuais e coletivas, nesse sentido ela aponta que a perspectiva de uma educação temática sobre a diversidade e a pluralidade cultural são;

Tão mais pertinente neste nosso tempo presente, quando a globalização recolocou na agenda esta temática. Mas a grande forma de apresentá-la é preocupante: o reconhecimento retórico-discursivo das alteridades não se acompanha de seu efetivo reconhecimento nas práticas sociais; sobretudo, práticas de desconstrução do princípio da igualdade social, princípio esse que confere a Cidadania e deve ser comum a todas as pessoas, para além das suas diferenças e edificado a partir das mesmas (SILVEIRA, 2006, p, 16).

Por se tratar de um tema pouco discutido nos materiais didáticos, só recentemente os livros estão trazendo essa proposta de ensino, a educação pautada na diversidade cultural ainda é pouco trabalhada em sala de aula. Durante as reuniões, aulas e encontros que participo, procuro conversar com os professores e saber se a escola tem trabalhado nesse sentido, na grande maioria das vezes a resposta é negativa. A justificativa é quase sempre a mesma, falta de material adequado. A partir daí começam a elencar uma série de dificuldades que acabam por impedir que a escola se torne um espaço de aprendizado e de construção de uma sociedade melhor.

Mas nem tudo está perdido, embora a ausência de material seja um problema ele pode ser combatido com a criatividade e a sensibilidade pedagógica do professor. A própria realidade e a convivência dos alunos em sala de aula pode ser um primeiro ponto para se refletir sobre a importância das diferenças e da convivência com ela. A sala de aula é um primeiro espaço onde as diferenças confluem para um objetivo, que é o aprendizado.



Na experiência que tive com os alunos da Escola Municipal Justiniana Ribeiro, preferi começar com alguns questionamentos, com questões que lhes fizessem pensar a diversidade não longe deles, não em um mundo abstrato, mas ali mesmo, num espaço de convivência em que eles se encontravam diariamente. A partir das respostas das crianças pude ir estabelecendo uma conversa em que as diferenças passaram a ser vistas, pelos próprios alunos, como um dos principais fatores para um mundo “mais legal”, como afirmou um dos alunos. A partir desse primeiro ponto tivemos uma aula dialógico-expositiva em que o diálogo sobre as diferenças habitou o debate.

RESULTADOS:

Infelizmente os resultados dessa proposta pedagógica ainda são bastante simplórios, não pelos resultados práticos, mas por sua limitação, tendo em vista ser uma proposta de realização de palestras com os professores e alunos, até o momento só foi realizada uma atividade. Contudo, os resultados práticos foram excelentes, alguns alunos falaram que gostaram da aula e que queriam aprender mais sobre o tema. No que se refere aos resultados entre os professores da referida escola, fui procurado para voltar a escola e realizar as atividades com as demais turmas. Os resultados, portanto são positivos, embora não sejam quantificáveis, são resultados pela qualidade, pelo efeito que causam nas vidas e nas subjetividades individuais, que proporcionam uma nova leitura do mundo e das diferenças, e assim possibilitam a alteridade e o respeito.

CONCLUSÕES:

A proposta de criar dentro da escola espaços de inclusão só pode se tornar uma realidade se fizermos um esforço de fazer com que os compreendam que as diferenças não se configuram como barreiras, mas são, antes de tudo, riquezas que nos fazem viver em um mundo tão diverso, tão múltiplo. A educação deve ser um acesso para uma sociedade melhor e mais justa, nesse sentido, lutar por uma educação multicultural é

uma postura necessária às demandas da sociedade moderna, muitas vezes marcada pela intolerância, pela falta de respeito com aquilo que é diferente. A criança é um mundo em construção, ou passamos a construir com ela um diálogo pautado nesses valores, ou, infelizmente a mídia assumirá o papel de formadora, despertando valores como racismo, homofobia, intolerância religiosa. Nesse sentido, devemos nos dar as mãos para uma sociedade melhor (nesse momento, em que fiz essa discussão com os professores e alunos exibi a imagem acima e a partir dela refletimos sobre a importância de pensarmos o tema com mais seriedade e compromisso).

REFERÊNCIAS:

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In; SILVA, Tomaz Tadeu da.; MOREIRA, Antonio Flávio (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, pp, 82-113.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Oficina do CES, nº 135, 1999.
- SILVA, Maria José Albuquerque da; BRANDIM, Maria Rejane Lima. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. **Diversa: Ano I - nº 1**, pp. 51-66, jan./jun. 2008.
- SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. De como o ensino de História constrói a paz... dos cemitérios e, assim, serve à Guerra. **Saeculum – Revista de História**, nº 15; João Pessoa, jul./dez. 2006, pp, 11-17.